

UNEMAT Editora

Editor: Agnaldo Rodrigues da Silva

Revisor: UNEMAT Editora

Diagramação: Ricelli Justino dos Reis

Capa: Ricelli Justino dos Reis

Unemat Editora

Online - 2014

Revista História e Diversidade/Expediente:

Coordenadores /Organizadores: Osvaldo Mariotto Cerezer

Marli Auxiliadora de Almeida

Renilson Rosa Ribeiro

História e Diversidade [recurso eletrônico] / Revista do Departamento de História. Cáceres: UNEMAT Editora. Vol. 5, nº. 2, (2014), 239 p.

Modo de acesso:<<http://periodicos.unemat.br/index.php/historiaediversidade>>Semestral.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader (ou similar).

ISSN 2237-6569

1. História. 2. Diversidade Cultural.

CDU 94+304.4 (05)

Ficha Catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar/CRB1 2037

Os conceitos, as informações e as afirmações contidas em cada capítulo são de inteira responsabilidade do(s) autor (es) que assina (m) o texto.

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso



UNEMAT Editora

Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavanhada -

Cáceres - MT - Brasil - 78200000

Fone/Fax 65 3221-0000 - www.unemat.br -

editora@unemat.br

Revista



Dossiê: Ensino de História e História da Educação: caminhos de pesquisa (Parte 2)

DINAMICIDADE NO ENSINO FORMAL: RESGATE HISTÓRICO ATRAVÉS DE MAQUETES

André Luis Ramos Soares¹

alrsoaressan@gmail.com

Andrielli Matos da Rosa²

andrielli.mr@hotmail.com

Carolina Bevilacqua Vedoin³

karolvedoin@hotmail.com

Thaise Vanise Corrêa⁴

thaise93@hotmail.com

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

RESUMO: Um desafio recorrente às práticas pedagógicas é a inovação, prática que o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) pretende levar às escolas públicas de educação básica, a fim de dinamizar a tradicional aula de história e também instigar os alunos na produção de conhecimento, e não na reprodução dos fatos históricos. Portanto, surgiu o interesse de trabalhar a história através de maquetes, sendo esse o tema abordado no decorrer do artigo; as maquetes trabalhadas em sala de aula formam uma cronologia, sendo elas: Navio Negreiro, Casa Grande & Senzala e O Cortiço, cada uma representando seus conceitos e características referentes ao processo histórico. Também é abordada a interdisciplinaridade da literatura com o ensino de história.

PALAVRAS-CHAVE: Maquete – Interdisciplinaridade – Navio Negreiro – Casa Grande & Senzala – O Cortiço.

ABSTRACT: A recurrent challenge to the pedagogical practices is the innovation, one that the Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Institutional Scholarship for Teaching Institutional

1 Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Licenciatura e Bacharelado), mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo, professor adjunto do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFSM), coordenador do Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória (NEP/UFSM) e do subprojeto da área de História do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Telefone para contato: (55) 32208412

2 Graduanda do 3º semestre do curso de História – Licenciatura/Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – subprojeto da área de História.

3 Graduanda do 3º semestre do curso de História – Licenciatura/Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – subprojeto da área de História.

4 Graduanda do 3º semestre do curso de História – Licenciatura/Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – subprojeto da área de História.

Program), the PIBID, seeks to insert in public schools of basic education. The purpose is to bring dynamism to the traditional History class and to encourage students to produce knowledge instead of reproducing historical facts. Therefore, the interest of working History by the use of mockups, this being the addressed subject in the article, came to light. The mockups worked in the classroom are part of a chronology, they being: Navio Negreiro (Slave Ship), Casa Grande & Senzala (The Masters and the Slaves) and O Cortiço (The Slum), each one representing concepts and characteristics of their own historical process. The interdisciplinarity of literature with the teaching of History is also addressed.

KEYWORDS: Mockup – Interdisciplinarity – Navio Negreiro – Casa Grande & Senzala – O Cortiço.

A fim de utilizar metodologias inovadoras em sala de aula que despertem o interesse no aprendizado da disciplina histórica em alunos de educação básica, realizou-se atividades em escolas da rede pública de ensino em que os elementos mediadores do processo de ensino-aprendizagem eram maquetes. Esse material tridimensional foi desenvolvido pelo projeto “Construindo Maquetes: Um suporte lúdico para o Ensino da História”, coordenado pelo professor Dr. André Luis Ramos Soares através do NEP (Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória) da UFSM, com a proposta de utilizá-lo como material didático em colégios a fim de valorizar aulas não tradicionais, ou seja, que não são realizadas somente com a explanação do conteúdo da disciplina de História.

As atividades foram desenvolvidas através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, subprojeto História 2011 da Universidade Federal de Santa Maria (PIBID/UFSM), e financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujos objetivos são a inserção de licenciandos em escolas de educação básica desde o início de sua graduação, dando-lhes a oportunidade de entrar em contato com o âmbito escolar antes do estágio supervisionado que ocorre somente no final da graduação, incentivando e valorizando assim a prática docente, além de valorizar os professores da rede pública de ensino, visto que esses participam da formação acadêmica dos futuros docentes como supervisores. O PIBID é, portanto, um programa de aperfeiçoamento da formação dos alunos de licenciaturas e oportuniza aos mesmos, experiências metodológicas com o planejamento e a realização das atividades lúdico-pedagógicas. Ademais, ressaltamos a articulação entre a teoria, vista ao longo dos cursos de licenciatura, e a prática, exercida através das atividades do PIBID, sendo que teoria e prática devem coexistir para uma boa formação acadêmica.

É importante salientar que as maquetes utilizadas em atividades do PIBID História 2011 foram confeccionadas pelo Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória da Universidade Federal de Santa Maria (NEP – UFSM), laboratório coordenado pelo professor Dr. André L. Ramos Soares, criado em 1998, destinado à pesquisa e extensão acerca da história, da educação e do patrimônio e onde são realizados projetos, dentre eles a confecção de maquetes para o ensino diferenciado da história, intitulado “Construindo maquetes: um suporte lúdico para o ensino da história” e desenvolvido desde 2006. O projeto realizado pelo NEP – UFSM iniciou-se a partir de um estudo bibliográfico acerca das temáticas e períodos históricos das maquetes e, após este aporte teórico, foram discutidas as técnicas para suas confecções, quantidade

e custos dos materiais a serem utilizados. Além disso, o projeto contou com uma equipe multidisciplinar, alunos do curso de História, de Arquitetura e Urbanismo e de Pedagogia, sendo que cada discente contribuiu para o desenvolvimento do projeto com os conhecimentos adquiridos em seu curso de graduação. O NEP elaborou este projeto com o propósito de usar as maquetes como ferramentas de ensino diferenciadas, tornando o ensino-aprendizagem um processo efetivo.

Nesse sentido, a proposta de utilizar maquetes como mediação do diálogo estabelecido com os alunos vai ao encontro com as novas perspectivas de ensino, visto que dá materialidade ao que seria apenas uma explanação conteudista. Dessa forma, acreditamos que a maquete por ser um material tridimensional e incitar forte apelo visual nos alunos, auxilia no processo de aprendizagem, bem como afirmam LOPES e SOARES⁵, “Na construção do conhecimento, as maquetes proporcionam a visualização concreta das representações dos acontecimentos históricos, tipologias arquitetônicas, acidentes geográficos [...]”, assim pode-se dizer que esse material traz representações tridimensionais dos elementos necessários para a compreensão de determinado conteúdo histórico.

Muitas vezes os alunos consideram a aula de história “cansativa” e “monótona” por seguir um modelo tradicional em que o professor faz a explanação do conteúdo e utiliza o livro didático para, a partir desse, realizar leituras individuais em silêncio ou em grupos e responder as questões nele contidas. Nesse sentido, pretendemos apresentar uma proposta metodológica, visto que a realização de novas práticas pedagógicas torna o aprendizado mais atrativo, bem como torna a prática de ensino mais prazerosa ao docente. Concernente a isso, fazemos nossas as palavras de LOPES e SOARES:

Se o que o professor trazer para sua aula estiver dentro destas alternativas, com certeza os educandos terão maior interesse. Ainda, tendo em vista o fato da curiosidade ser algo natural do ser humano, e o fato das informações disponibilizadas pela mídia e outras ferramentas de busca, como a rede mundial de computadores praticamente serem inesgotáveis, acredita-se que as maquetes podem despertar mais interesse que os tradicionais “protagonistas” da classe (o giz e o quadro verde), muito presente nos atrativos para jovens e adolescentes. (LOPES, William Molinos; SOARES, André Luis Ramos, 2010, p. 143).

Além disso, SOARES afirma:

Também proporciona uma forma alternativa e mais atraente, tanto para ensinar como para aprender a história. O despertar para o valor dos conteúdos trabalhados é que fazem com que o sujeito aprendiz tenha prazer em aprender, despertando o gosto e a curiosidade pelo conhecimento. Através da assimilação conduz a criança a atingir novos níveis de

5 LOPES, W. M.; SOARES, A. L. R. As maquetes no ensino formal: dinamicidade nas aulas de história através do lúdico. In: Sergio Celio Klamt; André Luis Ramos Soares. (Org.). Santo Amaro: arqueologia e educação patrimonial. 1ed.: 2010, p. 143.

conhecimento. (SOARES, André Luis Ramos, 2007, p. 8).

Como salientado anteriormente, nosso objetivo é promover um maior interesse por parte dos educandos no estudo da disciplina histórica através da dinamicidade em sala de aula e, ao apresentarmos essa proposta de instrumentos inovadores no ensino, acreditamos ser pertinente falar acerca da indisciplina dos alunos, tema muito discutido entre os professores em busca de motivos para determinados comportamentos e suas possíveis soluções.

Acreditamos que os motivos para o desinteresse e a indisciplina dos discentes encontram-se em diversas raízes, como problemas familiares, descrença na escola, a realidade do aluno fora da sala de aula e, além disso, a falta de aulas alternativas que sensibilizem os alunos. Nesse sentido, pode-se dizer que, por vezes, a indisciplina ocorre pela insatisfação no que diz respeito às aulas tradicionais, tornando-se cabível a implementação de materiais paradidáticos nas aulas a fim de motivar os alunos. Em relação a isso, o autor MOREIRA afirma:

Um fato pertinente e notório é de que alguns educandos realmente se expressam com mais rebeldia e agressividade em sala de aula. Mas também, é muito importante, o professor e a instituição buscar maneiras para inserir esses tidos como “indisciplinados” nos momentos de aula. Fazer isso não é algo muito simples e é pouco comum nas escolas, mas reconhece-se o fato de que mesmo aqueles educandos que são considerados exemplos de disciplina por sua assiduidade nas aulas e estão em consonância com as regras estabelecidas, ou seja, “os bons alunos”, “quietinhos”, “respeitadores”, entre outras coisas, não são assim tão afáveis quando o professor trabalha de forma restritamente repetitiva e reprodutora, até mesmo estes se indispõem com as aulas “chatas”. (MOREIRA, Danúbia Fernanda da Rocha de Souza, 2013, p. 50-51).

No entanto, nosso objetivo por vezes não foi alcançado pelo fato de os educandos não identificarem a ludicidade em sala de aula como forma efetiva de ensino, isto devido ao modelo de educação reproduzido nas escolas, em que os elementos utilizados no processo de ensino-aprendizagem são o caderno, a caneta, o giz e o quadro verde, ou seja, é valorizada a cópia de textos e a memorização destes. Nesse sentido, percebemos que alguns alunos acreditam que a forma de apreender o conteúdo de história é unicamente a reprodução das ideias e informações expostas nos textos, com pouca reflexão sobre o que está escrito. Assim, ao levarmos às escolas a proposta da utilização de maquetes para pensarmos acerca da história houve certa resistência dos alunos e, por vezes, de alguns docentes com indagações de se realmente seria uma eficiente proposta metodológica. Acerca da implementação de novas técnicas de ensino achamos cabível utilizar as palavras de MOREIRA:

Com a ruptura em seus hábitos e a aplicação de algo não muito comum para esses jovens, as mudanças comportamentais, rebeldia, indisciplina, incompreensão, entre outras coisas, acabam aparecendo inevitavelmente,

o que pode gerar alguma insegurança ao discente (licenciando) que está apenas iniciando sua prática docente. (MOREIRA, Danúbia Fernanda da Rocha de Souza, 2013, p. 53).

Além disso, cita FERREIRA:

A maioria dos jovens sente-se perdido em um processo de aprendizagem no qual métodos alternativos sejam utilizados, porque o método dominante tradicional – a “educação bancária”, no dizer de Paulo Freire - retira do estudante toda a capacidade de agir criativamente, buscando soluções por intermédio de sua própria lógica de organização mental, o ensino tradicional “mecaniza” a reflexão da criança e do jovem. . (FERREIRA, Márcia Ondina Vieira, 1990, p. 188).

Ao pensarmos na revigoração do ensino a partir da utilização de materiais tridimensionais como forma de abordar temas transversais e a interdisciplinaridade, podemos iniciar as discussões acerca das atividades realizadas nas escolas de educação básica. As maquetes desenvolvidas pelo projeto do NEP foram construídas a partir de obras literárias, de pesquisas históricas e do conhecimento dos espaços geográficos retratados. Assim, ao trabalharmos com as maquetes intituladas “Navio Negroiro”, “Casa Grande & Senzala” e “O Cortiço”, a escravidão colonial brasileira e o racismo foram eixos norteadores das atividades e, a partir disso, foi possível abordar a disciplina de história e também discorrer brevemente acerca de obras literárias.

As atividades com as maquetes foram realizadas em escolas de educação básica da rede pública de ensino, mas por questões de organização e para evitar a repetição do tema, buscamos retratar unicamente sobre a atividade realizada com as turmas de ensino fundamental referentes ao 8º e 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Adelmo Simas Genro, localizada no bairro Nova Santa Marta, no município de Santa Maria, RS, Brasil. Ao total, utilizaram-se dois períodos em cada turma, sendo as atividades realizadas no período vespertino do dia 16 de outubro na turma de 8º ano e em 24 de outubro na turma de 9º ano, no ano de 2013.

É importante salientar que o bairro Nova Santa Marta surgiu após o descontentamento da população perante a não efetivação da construção do conjunto residencial, prometido após a doação de 340 hectares de terras da Fazenda Santa Marta, desapropriada pelo Estado do Rio Grande do Sul, para a Companhia de Habitação do Estado do Rio Grande do Sul – Cohab. O Movimento Nacional de Luta pela Moradia⁶ junto aos seus integrantes ocuparam então, em 1991, a área correspondente ao atual bairro Nova Santa Marta, que surge oficialmente em 2006. Como cita BOTEGA (2004, p. 59)⁷ “a ocupação ocorrida em terras públicas na história do estado do Rio Grande do

6 O Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN), criado na década de 90, tem entre suas propostas acabar com o déficit habitacional, assim como ampliar o acesso à educação, saúde, trabalho, entre outros, estimulando organizações nacionais dos movimentos de luta pela moradia.

7 BOTEGA, Leonardo da Rocha. 2004. Ocupação da Fazenda Santa Marta em Santa Maria-RS (1991-1993). Monografia. Especialização em História do Brasil – Universidade Federal de Santa Maria, p. 59.

Sul, constitui-se num marco para as classes populares, sobretudo para os movimentos de luta pela moradia”, prestando disso, o histórico do bairro onde está localizada a escola Professor Adelmo Simas Genro, foi possível trabalhar com os educandos não só a história retratada nas maquetes, mas também relacionar com base em diálogo e nos conhecimentos prévios dos alunos, as semelhanças dos obstáculos encontrados por eles em seu cotidiano, as precariedades que o bairro enfrenta com os entraves e lutas das classes baixas e desfavorecidas manifestadas nas maquetes.

As turmas que foram assessoradas com as atividades dos bolsistas PIBID demonstraram interesse não só pelo tema abordado, mas também pelo material utilizado. Em primeiro instante, os pibidianos apresentaram-se aos alunos e à professora regente da turma, após a apresentação do grupo e do projeto PIBID, foram abertas as caixas onde são guardadas as maquetes. Houve então a admiração por parte dos alunos sobre o material tridimensional e a curiosidade sobre os detalhes que compõem as maquetes.

Para CASTROGIOVANI et al:

A maquete é um importante instrumento de informação, por isso no momento em que os alunos estão trabalhando com a maquete é fundamental que eles estejam produzindo conhecimento. Para isso o professor deve interagir lançando possíveis questionamentos, onde o aluno reflita e analise o espaço, conforme a representação espacial adotada. (Castrogiovani, A.C. et al apud MACHADO, 2004, p. 14).

Com a utilização das três maquetes “Navio Negreiro”, “Casa Grande & Senzala” e “O Cortiço” como recursos visuais representando uma ordem cronológica, a abordagem dos assuntos históricos aconteceu primeiramente com um diálogo acerca dos conhecimentos básicos das temáticas de escravidão e preconceito racial. A participação dos alunos foi imprescindível para o progresso do projeto e possibilitou a interação de educandos e docentes, que puderam analisar não só os conhecimentos prévios dos alunos, mas também a efetividade da prática lúdico-pedagógica aplicada por meio de maquetes. Aplicando as palavras de FERREIRA:

O que eu objetivo ao trabalhar com os alunos? Em primeiro lugar, eu pretendo que eles adquiram conhecimentos que lhes possibilitem entender o mundo que os circunda de maneira crítica. Isto significa não lhes dar respostas prontas ou conteúdos que sejam considerados definitivos. (FERREIRA, Márcia Ondina Vieira, 1990, p. 187).

Ao questionar e explanar as deficiências e dificuldades das classes desfavorecidas foi possível manter um diálogo com os alunos, em que puderam ser agentes participativos e construtivos da aula. Outro ponto positivo da atividade foi a capacidade dos alunos em relacionar obstáculos enfrentados por eles no cotidiano, como a falta de lugares seguros e com boa estrutura física para lazer e prática de esportes

no bairro onde fica localizada a escola Professor Adelmo Simas Genro, e as dificuldades dos escravos em praticar seus rituais, suas diferentes culturas e suas danças.

A maquete Navio Negreiro em sua estrutura física traz a visualização dos negros trazidos do continente africano ao Brasil no período histórico da escravidão, e as condições precárias a que eram submetidos, por exemplo, um grande número de pessoas em pequenos compartimentos do navio, e também, possui elementos que representam os canhões, as velas do navio, os demais tripulantes, entre outros. A relevância da maquete Navio Negreiro deve-se pelo fato de iniciar a discussão sobre a escravidão do Brasil Colônia e seus reflexos na atualidade, como o forte racismo e a desvalorização de trabalhos braçais. Ademais, LOPES, FLÔRES e SOARES citam outro expressivo motivo da importância desse material, que é o estudo da formação do indivíduo brasileiro:

Logo, remetemos diretamente a uma relação em que tanto os portugueses (e eu cito o português como exemplo de homem branco, pois foi justamente este que teve um contato direto com nossos índios ao “acharem” o Brasil há mais de 500 anos) como africanos, possuíram e ainda possuem laços que podem explicar suas histórias e a grande importância para o que hoje conhecemos simplesmente por “homem brasileiro.” (LOPES, William Molinos; FLÔRES, Caroline Saraiva; SOARES, André Luis Ramos, 2007, p. 2).

Além disso:

No Rio Grande do Sul, encontramos diversas etnias convivendo diariamente como os italianos, alemães, poloneses e portugueses. Todos têm sua cultura e todos têm sua valorização muito forte e com traços bem delineados em nossa história. O que é de se ressaltar, lembrar e principalmente alertar, é que tanto em nosso estado, como em boa parte do país, não há uma valorização necessária para uma cultura que foi de suma importância para a formação do patamar de uma identidade nacional forte e coesa que é a que conhecemos hoje, como a cultura negra.

No Brasil, por exemplo, segundo dados do último IBGE, a população negra brasileira ultrapassa os 45% e é inadmissível que não haja uma valorização da cultura afro-brasileira e suas ramificações na nossa identidade nacional. (LOPES, William Molinos; FLÔRES, Caroline Saraiva; SOARES, André Luis Ramos, 2007, p. 2).

FIGURA 1 – Maquete “Navio Negreiro”. Créditos: os autores.



FIGURA 2 – Maquete “Navio Negreiro”. Crédito: os autores.



A partir dessa maquete, iniciamos o diálogo acerca do tráfico negreiro durante o sistema colonial mercantilista “com seu caráter de fornecimento de mão de obra para o novo mundo que então surgia e as desumanas condições de transporte a que eram expostos os negros, o trabalho compulsório nas fazendas de açúcar e nas minas de metais preciosos”⁸ e o início da construção histórica do racismo no Brasil, de maneira coesa para a faixa etária dos alunos, sempre enfatizando as violências físicas e psíquicas sofridas pelos negros durante o período de viagem nos navios até a chegada ao Brasil colonial. Começamos as atividades com questionamentos aos discentes acerca do assunto da maquete, a fim de analisar seus conhecimentos e opiniões, com o propósito de estabelecer um diálogo entre licenciandos e alunos e dar mais dinamicidade à aula. Além disso, a proposta de realizar uma aula dialogada vai ao encontro com as inovadoras perspectivas de ensino, em que se desenvolve a criticidade, pois não levamos o conteúdo pronto, mas sim construímos a aula em conjunto com os alunos, visto que estes trazem consigo rica gama de conceitos prévios com os quais devemos trabalhar.

Uma maneira de trabalhar com esta maquete é a interdisciplinaridade, explicando o processo histórico com o auxílio de poemas, especialmente os de Castro Alves, no qual o autor enfatiza a questão da escravidão, como é o caso desse trecho do poema Navio Nегreiro que relata as péssimas condições enfrentadas pelos negros vindos do continente africano dentro dos tumbeiros, como eram chamados os navios que transportavam os negros escravizados:

[...] Hoje...o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...
Ontem, plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje...cúm'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer...
Prende-os a mesma corrente
-Férrea, lúgubre serpente-
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoute...Irrisão! [...]
(ALVES, Castro, 1959, p. 5-6)

8 LOPES, William Molinos; FLÔRES, Caroline Saraiva; SOARES, André Luis Ramos. Preto no branco? Resgate histórico em maquete de um navio negreiro. Itajaí: Encontro Sobre Patrimônio Cultural, 2007, p. 2.

Após as discussões estabelecidas a partir desta maquete, seguimos uma linha cronológica e passamos a abordar a maquete Casa Grande & Senzala. Esta abrange a temática da vida privada e do cotidiano durante o período escravocrata no Brasil, sendo que sua relevância deve-se por apresentar o enorme contraste entre a casa grande, moradia do patriarca da terra e sua família, e a senzala, onde moravam os negros escravizados, elemento que instigou fortemente a atenção e curiosidade dos alunos. Sendo assim, explanamos a partir dessa maquete para onde as pessoas negras eram levadas após a chegada ao Brasil, a desumana moradia e o cotidiano nessas dependências.

FIGURA 3 – Maquete “Casa Grande & Senzala”. Créditos: os autores



FIGURA 4 – Maquete “Casa Grande & Senzala”. Créditos: os autores



É importante salientar que trouxemos essas temáticas aos acontecimentos atuais, questionando os alunos sobre a existência da escravidão no século XXI. A

resposta imediata foi uma negação da existência desta, no entanto fizemos outras questões que buscaram instigar o senso crítico e a capacidade de reflexão acerca do tema, tais como: o que vocês acham de pessoas que tem uma jornada extensa de trabalho e não recebem os salários dignos de seus esforços? E as condições de trabalho, assim como a segurança, são justas? Isso remete a uma exploração, ou uma forma de escravidão, ou não?

Após as questões e as novas reflexões referentes ao tema foram discutidos exemplos cotidianos próximos às suas realidades, como o trabalho de funcionários de classe baixa em alguns frigoríficos, em que esses são submetidos a grandes esforços repetitivos em uma jornada exaustiva, no qual os funcionários sofrem com danos psíquicos e físicos, devido à extrema cobrança por parte dos patrões que apenas visam os resultados e o lucro de uma produção em massa, sendo essa exploração e desvalorização do trabalho braçal uma herança do escravismo do Brasil Colônia. Posteriormente às indagações e ao relato, percebemos uma reação de espanto e surpresa por parte dos alunos ao perceberem que a escravidão é existente ainda nos dias atuais, bem como em seus cotidianos, presente em injustiças e na falta de condições que possibilitem um trabalho seguro e que respeite a dignidade humana.

Seguindo a linha cronológica da atividade passamos a abordar a maquete O Cortiço que materializa os elementos existentes nos primeiros aglomerados urbanos, formados após a abolição, concentrando grande parte dos escravos alforriados e marginalizados socialmente. A maquete apresenta casas pequenas e muito próximas umas das outras, a falta de saneamento básico que é representada pelo esgoto a céu aberto, que contornava as casas e causava mau cheiro, assim como facilitava a proliferação de animais e insetos que transmitiam doenças à população. Destacando-se desses aglomerados, uma casa extravagante representa a moradia das pessoas da elite, que inúmeras vezes sentiam-se incomodados com a presença de pessoas pobres em torno da sua residência, como citado no livro O Cortiço:

O Mirando rebentava de raiva.

- Um cortiço! Exclamava ele, possesso. Um cortiço! Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço debaixo das janelas!... Estragou-me a casa, o malvado!

E vomitava pragas, jurando que havia de vingar-se, e protestando aos berros contra o pó que lhe invadia em ondas as salas, e contra o infernal baralho dos pedreiros e carpinteiros que levavam a martelar de sol a sol.

O que aliás não impediu que as casinhas continuassem a surgir, uma após outra, e fossem logo se enchendo, a estenderem-se unidas por ali a fora, desde a venda até quase ao morro, e depois dobrassem para o lado do Miranda e avançassem sobre o quintal deste, que parecia ameaçado por aquela serpente de pedra e cal. (AZEVEDO, Aluísio, 1997, p. 6)

FIGURA 5 – Maquete “O Cortiço”. Créditos: os autores.



FIGURA 6 – Maquete “O Cortiço”. Créditos: os autores.

A obra da literatura brasileira intitulada “O Cortiço” do escritor Aluísio de Azevedo, pretende narrar um fato histórico com elementos de ficção, portanto, pode auxiliar no ensino da disciplina de história. Ao trabalharmos esta obra em sala de aula, a partir da visualização da maquete, foi discutido o processo de urbanização e modernização da cidade e a consequente favelização e segregação urbana ao final do século XIX. Para explanarmos sobre esse tema, buscamos relacionar o histórico da construção e a estrutura do bairro em que a escola Professor Adelmo Simas Genro se situa e as relações desse com o cortiço da cidade do Rio de Janeiro, visto o interesse por parte dos alunos referente a esse assunto, devido à identificação do cotidiano e de suas moradias, observadas por meio de diálogos entre os educandos, sinalizando a comparação das casinhas da maquete com suas reais casas, inseridas em um local em que são precárias as condições das moradias e saneamento básico. Coube a nós licenciandos, mediadores do conhecimento, estabelecer um diálogo acerca do assunto, indagando e incentivando o raciocínio dos alunos, portanto, com a utilização da maquete O Cortiço, foi preciso como cita SILVA e SOARES:

Motivar distintas discussões em sala de aula, como por exemplo, a

organização social e cultural da época, a organização do cortiço, a miscigenação e a coexistência de diferentes etnias (portugueses, africanos e brasileiros, por exemplo) em um mesmo espaço, o desfecho do período de escravidão no Brasil e, principalmente, o processo de favelização ali iniciado. (SILVA, Manuela Ilha; SOARES, André Luis Ramos, 2013, p. 7).

Salientamos que a atividade realizada proporcionou aos alunos tornassem agentes participativos e construtivos do processo de aprendizagem, pois ao valorizarmos a heterogeneidade presente em sala de aula possibilitamos que os mesmos expusessem suas noções prévias e seus juízos de valores acerca dos assuntos retratados nas maquetes, para que partindo desses conhecimentos, nós acadêmicos iniciássemos a explicação. Pois, como cita GUTERRES (1990):

Na escola, mais do que em qualquer outra instituição, refletem-se os conflitos da sociedade contemporânea. [...] É preciso repensar a educação enquanto inserida no processo de transformação permanente do saber e do fazer humanos. É nessa apreensão do vir-a-ser, sem imobilizá-lo em conceitos, que é possível manter vivo o fenômeno educacional do fenômeno histórico.” (GUTERRES, Clóvis Renan Jacques, 1990, p. 77)

E também utilizamos a fala de ROMANI:

A escola tem a responsabilidade não só de ampliar a compreensão do mundo, mas de formar indivíduos aptos a participar e intervir na realidade. Portanto, a educação é vital na busca da felicidade, do bem comum, nas relações humanas, na promoção do humanismo. Educar é um ato de liberação, socialização, formação e transformações dos homens. É um direito do cidadão para o exercício da cidadania. (ROMANI, Giovani Luiz, 2007, p. 7-8).

Por fim, ressaltamos que a história proporciona uma gama de possibilidades de se trabalhar a interdisciplinaridade, contudo não é uma prática de fácil execução, pois como diz, novamente, ROMANI:

A interdisciplinaridade pressupõe a integração entre os conteúdos e as metodologias de disciplinas diferentes que se propõem a trabalhar conjuntamente determinados temas. Não é uma simples fusão ou justaposição, mas uma “interpretação” de conceitos, dados e metodologias. Nessa perspectiva, trabalhar o ensino por meio de projetos, assumindo a transversalidade entre os campos de saber, passa por assumir uma postura político-pedagógica na qual a formação dos indivíduos seja pensada como um processo em que diversas instâncias, diversos campos do saber se entrelaçam, intervindo, transmitindo, construindo o pensamento. (ROMANI, Giovani Luiz, 2007, p. 7).

Sendo assim, com a utilização de materiais diferenciados, as maquetes, foi possível haver a integração entre história e literatura brasileira, pois através das mesmas conseguimos como avaliação final alcançar os objetivos esperados, já que os alunos, após as explicações, reflexões e discussões, tornaram-se capacitados de alusões críticas. A própria relação feita entre essas duas disciplinas, possibilitou uma melhor e maior aprendizagem, ao mesmo tempo em que incentiva os alunos à leitura, devido à curiosidade dos mesmos em relação às obras citadas no decorrer do texto, portanto segundo ROMANI (2007, pg.04), “a prática interdisciplinar torna-se necessária e indispensável para a produção de conhecimentos”.

REFERÊNCIAS

LIVROS

ALVES, Castro. O Navio Negreiro. Salvador: Progresso, 1959.

AZEVEDO, Aluísio. O Cortiço. 30. Ed. São Paulo: Ática, 1997.

ARTIGOS DE REVISTAS

LOPES, W. M. ; SOARES, A. L. R. 2010. As maquetes no ensino formal: dinamicidade nas aulas de história através do lúdico. In: Sergio Celio Klamt; André Luis Ramos Soares. (Org.). Santo Amaro: arqueologia e educação patrimonial. 1ed.: , v. 1, p. 141-147.

GUTERRES, Clóvis Renan Jacques. 1990. Educação: Teoria e Prática da Transformação. Universidade Federal de Santa Maria.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. 1990. Como vejo minha Prática Educativa. Universidade Federal de Pelotas.

SILVA, Manuela Ilha; SOARES, André Luis Ramos, 2013. A Adoção de Maquetes Físicas em Sala de Aula – Suportes Lúdicos para o Ensino de História.

ARTIGOS DE REVISTAS ELETRÔNICAS

SOARES, André Luis Ramos. Educação Patrimonial na Universidade Federal de Santa Maria: O Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória e sua inserção na comunidade. 2007. Disponível na World wide web: <<http://jararaca.ufsm.br/websites/nep/download/Textos%20Nep/NEP.pdf>>.

LOPES, W. M.; FLÔRES, C. S.; SOARES, A. L. R. Preto no branco? Resgate histórico em maquete de um navio negro. 2007. Disponível na World wide web: <<http://jararaca.ufsm.br/websites/nep/download/Textos/Navio%20neg..pdf>>.

ROMANI, Giovani Luiz. Ensino de História e a interdisciplinaridade. In: SIMPÓSIO

NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo, RS. Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo: Unisinos, 2007. CD-ROM.

MOREIRA, D. F. R. S. Da “indisciplina” à participação: experiência no ensinoaprendizagem de história. 2013. Disponível na World wide web: < http://www.pibid.unir.br/downloads/2340_anais_iii_encontro_pibid.pdf>.

MONOGRAFIAS

MACHADO, Márcia Kaipers. O Uso da maquete nas séries iniciais do ensino fundamental para o estudo do município de Santa Maria – RS. Trabalho de graduação A. 2004.

BOTEGA, Leonardo da Rocha. Ocupação da Fazenda Santa Marta em Santa Maria-RS (1991-1993). Monografia. Especialização em História do Brasil – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2004.